



"A Secretaria é a Fundação. A Fundação é a Secretaria"

Aqui as idéias gerais de José Carlos de Andrade. Depois da posse, as idéias concretas



Loucura Cruzada

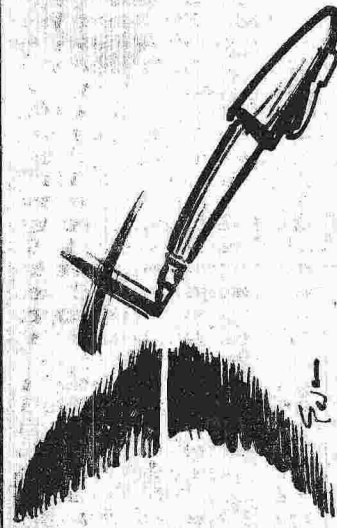
A movimentação na vida cultural do País está tão desenfreada e sem rumo, que num telefonema interurbano entre Rio e Brasília, dois artistas de reconhecido valor do "respeitável público" e que nunca folhearam (leram o nosso periódico constitucional) a "Carta Magna", tiveram esse quase louco diálogo:

— "Rapaz aqui no Rio já tô sabendo que é o Sarney mesmo que vai ser o Ministro da Cultura. Ele disse que vai ser ele mesmo acumulando."

— Acho que não pode. Temos que continuar fechados com aqueles nomes... Mas... vem cá. Se puder ser mesmo o Sarney, a gente luta para pôr o Ulysses na Presidência. Essa jogada pode ser boa." E continuaram delirando.

Canetada de Sarney

Com uma canetada só, o presidente José Sarney matou todos os coelhos: Nomeando José Aparecido, o último governador bionico para Brasília, acabou com a guerrilha pela Funtevê, não permitia mais colocar na mesa ministerial os titulares da Educação (Marco Maciel) e o Aparecido (deu na bionidade do GDF Secretarias para os quatro candidatos a governador, que estavam listados e um não listado pelo PMDB local. E agora José? O que vai ser do MC e da nova Secretaria de Cultura de Brasília? As entidades que estiveram marginalizadas durante mais de 20 anos querem ser ouvidas... Vão ser?



O livro "Radiografia do Terrorismo no Brasil" nos anos 66 a 80, de Flávio Beles, está saindo do prelo em São Paulo e deverá ser lançado aqui no DF numa tarde-noite de autógrafa a ser marcada pelo autor, editores e escritores na sede da Ordem dos Advogados do Brasil, seção DF. O poeta Heitor Andrade, o coordenador editorial de São Paulo, já entrou em contacto com Maurício Correa, presidente da OAB, para o lançamento do livro. Aguardem convite.

Concreto no MC

Depois que descobriram que artista não só vende Leite de Avela, mas vende também idéia de liberdade, participação e democracia, associaram cultura e arte e tome discussão, polêmica pela polêmica e nada de decisões. Muito artista e pouca arte. Será possível que depois da carta da Fernando não saíram que existem palcos e "palcos". Sugestão para o ministro da Cultura: um poeta concreto que tem as iniciais de OB e assumiria com esta palavra de ordem:

— "Chega de abstrações"

Identidade Sexual

Para indicar o titular da Pasta do Ministério da Cultura, ainda sem rumo certo, o presidente José Sarney foi alertado em tempo, para descobrir que a identidade sexual não pode e nem deve figurar como critério exclusivo. De todas as entidades e pessoas ligadas à cultura (militante, ou não da vida cultural do País) que estão exigindo solução para a viabilização do novo Ministério, os três Sindicatos de Escritores (de São Paulo, Rio e de Brasília) foram os primeiros a apresentar no Palácio do Planalto um documento de contribuição, não só na indicação de nomes, mas apontando rumos de mudanças na política cultural ainda indefinida.

Caixa Cultural

Marcos Freire parece disposto a ser um grande amigo dos artistas. Na última quinta-feira, ele foi ao Vitrine Music Hall abraçar a turma do MPB-4. Dias antes, trocava abraços com a mesma turma, pois a CEF, que dirige, assinou convênio com o Sindicato dos Músicos do Rio para distribuir, em todo o País, o compacto **Chega de Mágoa**, cuja renda se reverterá para os flagelados do Nordeste. Freire é pernambucano e não desiste de governar seu Estado. Na saída, brincou com um espectador, que reclamou da disciplina castrense do Conjunto Cultural da CEF (quem chegar com quinze minutos de atrasos, não entra). Rio e constatou: pois é, se aqui no Vitrine funcionasse a mesma disciplina, hoje eu não teria visto o MPB-4, pois cheguei atrasado.

Portas Fechadas

"O que fecharam?" — Foi esta a primeira indagação do leitor ao ler a notícia de que os Ministros da Previdência Social e do SNI, Waldir Pires e Ivan de Souza Mendes, estiveram "reunidos a portas fechadas" para examinar o esquema de combate à fraude no INAMPS. E a informação foi prestada por um assessor do titular da Previdência, acrescentando que as fraudes já totalizam mais de Cr\$ 1 trilhão de cruzeros. Com essa grana toda, o Ministério da Cultura, despejado da sua última sede, dependendo agora da disposição do seu novo titular (quando vai sair?) poderia executar um razoável projeto de política cultural...

Antes de tudo, José Carlos de Andrade, o primeiro Secretário de Cultura do Distrito Federal, faz questão de ressaltar: "Eu falo em termos bem gerais. Só poderei falar em termos mais concretos depois de assumir a Secretaria". José Carlos, ou Zeca — como é mais conhecido no meio jornalístico —, mora em Brasília desde 1961. Atuou como repórter e chefe de redação de O Estado de S. Paulo, o Globo, Empresa Brasileira de Notícias: "Me sinto credenciado para ocupar a Secretaria de Cultura como jornalista. Eu escrevo bem e a partir daí tenho uma relação com a cultura. Para escrever bem é preciso ler".

José Carlos tem 42 anos e editava a revista, **Brasil**, publicação da Fundação Cabo Frio, do Ministério das Relações Exteriores. Nesta entrevista, concedida em sua casa, José Carlos de Andrade fala das suas idéias sobre cultura, das perspectivas de relacionamento com a Fundação Cultural, da sua visão sobre Brasília, do processo de indicação para a Secretaria de Cultura: "Ele foi democrático na medida em que não invadiu o terreno da Constituição".

SEVERINO FRANCISCO Da Editoria de Cultura

— Como é a história da sua escolha para a Secretaria de Cultura. Comentou-se que você estava cogitando para a Secretaria de Serviços Sociais...

— De fato fui cogitado para assumir a Secretaria de Serviços Sociais. No entanto, houve uma série de imposições de ordem política e estas injunções provocaram uma modificação na composição das secretarias. E em função desta mudança o José Aparecido achou que valeria a pena me levar para a Secretaria de Cultura. José Aparecido é um dos grandes responsáveis pela ênfase em cultura no País, verificada nos últimos tempos. Na medida em que você dá o status de secretaria você fortalece a cultura, seja a nível local seja a nível nacional. Você não fecha portas, você abre portas. A estrutura da Secretaria é pequena e não precisa ser grande. O que faz a secretaria grande são os órgãos vinculados. A base do trabalho é, evidentemente, a Fundação Cultural.

— O seu primeiro objetivo era a Secretaria de Serviços Sociais. E, em relação a cultura, qual a sua ligação? O que pesou na sua escolha?

— Esta é uma área que também me interessa muito. Eu acompanho tudo como jornalista. O campo da assistência social é um problema seriíssimo. A cultura é um lugar que precisa também de gente competente e de vontade de trabalho. O que pegou na escolha? Trata-se da implantação de uma secretaria e eu sou uma pessoa de trabalho e com um círculo de conhecimentos muito grande. Tenho condições de executar esta tarefa de estabelecer o diálogo entre as diferentes áreas e de cuidar da valorização da cultural.

— Você se acha qualificado para ocupar a secretaria de cultura? O que o credencia para isto?

— Me sinto credenciado para isto como jornalista. Eu escrevo bem e a partir daí tenho uma relação com a cultura. Para escrever bem é preciso ler. Tenho toda uma carga de informações que me tranquiliza para aceitar esta tarefa.

— Você considera democrático o seu processo de indicação?

— Ele foi democrático, na medida em que não invade o

terreno da Constituição. É dado ao Governador o direito de escolher os seus secretários. Não consta em nenhum documento legal que o Governador deve fazer a escolha dos seus auxiliares mediante o desejo de grupos. Se o Governador José Aparecido chega em Brasília, monta o seu secretariado e permite a participação de muitos segmentos da vontade de Brasília isto é uma atitude democrática. Agora, ele, não atendeu a todos na medida que se quer. Mas, de alguma maneira no Governo tem gente da Frente Liberal, do PMDB, e de vários segmentos da sociedade.

— E que segmento da sociedade você representa na composição deste governo?

— Eu sou um profissional da imprensa.

— Então você considera um representante da classe dos jornalistas? É isto?

— Eu sou um representante da classe dos jornalistas como você também é. Não me consta que os jornalistas tenham criado qualquer problema com o meu nome. Você tem um aprimoramento da escolha, mas a seleção natural só acontece através das urnas, quando se delega poderes a outras pessoas para governar. O jornalista não tem uma representatividade? Eu acho que tem. O jornalista vive isto o dia inteiro. Primeiro porque eu moro há 24 anos em Brasília onde acompanho o crescimento da cidade.

— Quais as suas idéias para a cultura em Brasília? Que aspectos acha importante destacar?

— Um aspecto eu acho fundamental: estimular ao máximo todos os segmentos da cultura. Abrir ao máximo, sem criar grupos, feudos. Há uma grande necessidade de espaços físicos. Te garanto que farei disto uma prioridade. Você tem a necessidade de, através de um intercâmbio, mostrar o que está sendo feito em Brasília lá fora. E olhar a periferia de Brasília, buscar talentos que, com certeza, existem em toda a periferia.

— Como é a sua relação cotidiana com a cultura em Brasília? Você participa da vida da cidade?

— Não com a frequência exagerada porque o tempo não permite. Eu participo, mas não co-

mo uma religião porque o tempo não permite. Eu não sou cineasta, não sou pintor. E não acho que uma pessoa deva ser necessariamente um especialista ou uma pessoa que viva intensamente a cultura para ser um secretário de cultura. Acho que é preciso paciência para ouvir e aplicação para resolver os problemas.

— Você acompanha o cotidiano da cidade pela sua atividade de jornalista nas sucursais.

— Eu acompanho a cidade pela sua atividade de jornalista nas sucursais.

— Há uma grande necessidade de espaço físico em Brasília para se fazer cultura. Garanto que farei disso uma prioridade, sem criar grupos"

— Mas, para as sucursais, cultura em Brasília não existe. Como explica isto?

— É verdade. Quando chefei as sucursais de jornais de circulação nacional constatei que eles não se dedicam aos assuntos da cidade com tanta preocupação. Mas até isto pode ser melhor trabalhado daqui para diante. É uma tarefa para a Secretaria de Cultura. E um trabalho de mudança de mentalidade política. Mas também eu te digo de cadeia, como chefe da sucursal do **Globo**, nunca fui procurado pelos produtores de cultura locais ou pela Fundação Cultural. Só chegavam releases cuja qualidade de informação era duvidosa. Os jornais querem um máximo de informação. Tudo isto é um trabalho a ser feito.

— Como vê esta confusão toda criada em torno da criação da Secretaria de Cultura e da indicação do seu nome?

— Primeiro: quem acompanhou o trajeto de José Aparecido não poderia ter dúvidas de

que ele criaria uma secretaria de cultura. Então cai totalmente no vazio esta discussão da maneira como ela foi feita.

— Levantou-se a possibilidade de uma demissão coletiva de Luís Humberto e sua equipe em repúdio à indicação do seu nome. O que acha disto?

— Nada aconteceu para mim até agora. Acho que qualquer atitude de reação deste tipo é primária. Antes de mais nada, temos de conversar. O próprio Luís Humberto me conhece, trabalhamos cobrindo juntos o Palácio do Planalto. Acho que primeiro é preciso assegurar o emprego destas 22 pessoas em outro lugar. E eu tive informações de que este movimento não é tão coletivo. A coisa não seria tão espontânea. O espírito preconcebido é a pior coisa que pode existir. Eu vou aproveitar ao máximo as pessoas competentes. Não sou um homem de grupos, não estou vinculado a nenhum partido político.

— Mas, basicamente, como ficará a relação entre Secretaria de Cultura e Fundação?

— A Fundação será a Secretaria e a Secretaria será a Fundação. A base de todo o trabalho será a Fundação Cultural. Eu acho que o trabalho de Luís Humberto é sério. É lógico que tenho idéias. Na medida em que elas forem aprovadas pelo Governador vou levar e conversar com as pessoas.

— A maioria das entidades de classe se manifestou contra o processo de escolha da Secretaria e se solidariza com Luís Humberto e sua equipe. De que maneira pretende trabalhar sem apoio dos que produzem a cultura na cidade?

— Eu não acho que vou trabalhar sem apoio. Eu vou chamar todo mundo para conversar. Isto é uma reação natural e eu já ouvi queixas de que as entidades de classe não estão sendo chamadas pela atual gestão da Fundação Cultural. Eu me coloco como um intermediário entre o governo e a cidade.

— Em sua opinião, o que está acontecendo de importante em termos de cultura no Brasil?

— De cara, a preocupação com o tema cultura. E acho que a criação das secretarias de cultura terão um papel fundamental para a cultura neste momento.

Para Pompeu de Souza, uma criação inoportuna

"Não discuto a substância mas as circunstâncias e a oportunidade". Com esta afirmação, o secretário de educação, Pompeu de Souza, manifestou, ontem, a sua posição a favor do desmembramento das duas Secretarias mas contra a decisão de ter se criado neste momento a Secretaria de Cultura.

— Ainda estamos numa fase muito embrionária e talvez o nascimento prematuro desta Secretaria possa efetuar o organismo não totalmente constituído.

Pompeu de Souza revelou que o Governador José Aparecido não chegou a conversar com ele sobre este assunto. Acrescentou que ele foi informado do seu propósito de desvincular as duas Secretarias e respeitou o seu ponto de vista acatando a decisão. "Espero que dê certo", afirmou.

Afirmado que não gostaria de discutir o mérito da medida, o secretário falou que compreendeu profundamente a decisão do Governador José Aparecido. Assinalou que desde o primeiro dia de trabalho do ex-ministro da cultura à frente do Governo do Distrito Federal, a idéia de criar a Secretaria de Cultura já era discutida e lhe foi comunicada.

O Governador se transformou numa espécie de campeão da idéia de desvincular funcionalmente a cultura da educação

comentou. Esta idéia Pompeu acha "da maior procedência em todos os sentidos".

Ele argumentou que no Brasil — País carente de recursos financeiros — a questão cultural sempre foi tratada como "prima pobre" da educação. E isto é grave — disse — porque não há boa qualidade do processo educacional, sem boa qualidade do fenômeno cultural. Elas são inseparáveis sociologicamente, mas devem ser separadas funcionalmente e institucionalmente na administração pública — afirmou.

Embora considere a tese da separação correta, Pompeu diz

ser contra a sua desvinculação já. Talvez não seja o momento exato — disse ele. Citou como fatores que o levaram a pensar assim o fato de que Brasília, geográfica e demograficamente, não tem a extensão das outras Unidades da Federação além da questão da oportunidade.

Quando falou da oportunidade, Pompeu comentou sobre o trabalho que o arquiteto Luiz Humberto vem realizando à frente da Fundação Cultural do DF. Ele lembra que as administrações anteriores (talvez com algumas exceções segundo ele)

não primaram por um entusiasmo criador necessário ao trabalho cultural. E mais uma vez citou o projeto de Luiz Humberto "que foi capaz de criar tal clima de entusiasmo que chegou a introduzir na administração pública uma coisa nova: o voluntariado".

